

O LEGADO CULTURAL VINDO DOS AÇORES : IDENTIDADES E DIVERSIDADESⁱ

Elis Regina Barbosa Ângelo – PPG-PUC-SP/UNISA

A expressividade de alguns traços que caracterizam os descendentes de açorianos que habitam a Lagoa da Conceição em Florianópolis foi sendo incorporada a uma imagem direcionada para o que hoje acredita-se fazer parte de uma “cultura açoriana”ⁱⁱ, que sob uma trajetória de percalços e divergências, projetaram distintas visibilidades ao longo dos anos.

As imagensⁱⁱⁱ criadas que repercutiram sobre algumas características dos moradores de Florianópolis em geral, não parece ter sido das melhores. Algumas pode-se dizer que foram até “grosseiras” , mas fizeram parte do universo destes e tiveram uma cronologia que também fez parte de universos distintos de ordem social, política e cultural.

Uma das questões a esse respeito refere-se à imagem de “praiano indolente”, que parece ter repercutido primeiramente com a modernização sanitária da cidade de Florianópolis em 1920, especialmente com a apresentação de um discurso higienista^{iv} que atribuía códigos de conduta para a população e diferenciava de certa forma o homem culto e educado do homem rústico e “sem educação”.

Ao mesmo tempo, repercutia o papel da Igreja que contrariava algumas condutas dos praticantes de uma cultura popular religiosa luso-brasileira. A idéia era agir contra as resistências, isso era percebido principalmente nos discursos eclesiásticos que tentavam impor o processo de “romanização”^v da Igreja, tentando com isso, distanciar a população das tradições luso-brasileiras.

Algumas expressões como “Manezinho da Ilha” foram utilizadas por novos moradores da Ilha, em especial os italianos e alemães que demonstravam um pejorativo de pessoa rústica, “cafona”, que tem um jeito de falar diferente, se veste de forma diferente e é pouco adequado aos hábitos citadinos. Isso parece ter interferido no modo de ser açoriano, ou pelo menos no modo de ver-se “açoriano”. Dessa forma, surgiram alguns posicionamentos, como é o caso da

fundamentação das entidades que buscam hoje ressaltar a cultura açoriana e os traços dos seus descendentes.

Houve então, em meados do século XX uma nova preocupação com o discurso culturalístico^{vi}, que intencionava diferenciar a cultura açoriana da cultura alemã, que parecia fortalecer-se na região. Essa preocupação veio a traçar uma visibilidade capaz de trazer orgulho às raízes açorianas, como é o caso dos traços do homem açoriano, que foi caracterizado com um leque de qualidades e, dentre elas "insularidade, perseverança, dedicação, afabilidade, saudade, nostalgia, atavismo, esperança, introspecção, tradicionalismo, contemplação, temperança, musicalidade e religiosidade..."^{vii}

Surgiram nesse contexto variadas maneiras de ressaltar as identidades dos açorianos, para mudar uma caracterização efetivada em diversos momentos e sob diversas perspectivas que não eram certamente a de ressaltar os traços açorianos e sim de certa forma rebaixá-los.^{viii} Esses posicionamentos formularam o que se verifica hoje em Florianópolis a respeito do culto à cultura açoriana.

Com o crescimento urbano e a balnearização das praias em conjunto com o crescimento do turismo, houve a partir da década de 70 uma evidenciação das tradições, traços e demais elementos da cultura açoriana, que parece ter surgido neste momento como uma nova preocupação, a de preservá-las.

Dessas trajetórias da imagem criada com o intuito de evidenciar a cultura açoriana, indiferente dos interesses pelos quais os diversos processos eram apresentados, têm-se um emaranhado de elementos que configuram atualmente as tradições^{ix} açorianas.

Concorda-se que toda tradição é uma invenção coletiva que, de certo modo tem o intuito de manter um elo com o passado, caracterizando assim grupos e comunidades e os diferenciando de outros com os quais existe contato. No entanto, as tradições reconhecidas hoje em Florianópolis e em maior abrangência no Estado de Santa Catarina, se perpetuaram até a atualidade sem necessariamente possuir vínculos com os interesses políticos da região.

Acredita-se que após a veiculação de uma imagem turística que chega para transformar a economia local, intensificou-se a necessidade de manter toda e qualquer tradição açoriana.

Dessa forma:

Quem visita hoje a Ilha de Santa Catarina ou mesmo o litoral do Estado e perguntar a um nativo como ele se identifica e qual sua origem, encontrará respostas muito comuns como estas: - “eu sou manezinho!” , “sou açoriano”! Se abrir os jornais locais, verá expressões como “cultura açoriana”, “arquitetura açoriana”, “folclore açoriano”. Se procurar mapas ou roteiros turísticos oficiais do Estado, lá encontrará o ícone de uma rendeira, simbolizando a região litorânea...^x

Os traços culturais que anteriormente eram identificados por modos de vida e tradições mesmo desconhecidas por outros grupos étnicos parecem hoje um aglomerado de cartazes de venda de uma cultura tida como diferencial, especialmente por conta de uma contextualização econômica com o crescimento do turismo no local.

Essa criação de uma imagem de homem tradicional, homem do litoral que imageticamente produzira um passado memorável em sua trajetória em Santa Catarina têm-se uma questão de visibilidade dos meios intelectuais catarinenses, pois:

Tratava-se de produzir uma memória como suporte da identidade cultural do homem açoriano e foi este o esforço realizado nas décadas seguintes, num processo que poderíamos chamar de agenciamento tradicionalista da história catarinense e que se diversificou nas missões e descrições dos folcloristas da Comissão Catarinense de Folclore, em textos de história regional dos historiadores documentalistas do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e nas narrativas do romance regionalista dos escritores abrigados na Academia Catarinense de Letras.^{xi}

Dessas colocações percebe-se uma politização da cultura açoriana enquanto algo ao mesmo tempo rentável, pela própria configuração econômica que se deu e, de certa forma, uma tentativa de retomar as raízes açorianas, tentando desenvolver na mentalidade da população local uma afinidade com os traços que os caracterizam, para que seja assumida a forma de pertencimento e identificação, agora com orgulho.

Uma outra posição sobre os direcionamentos que simbolizam as identidades regional ou étnica, pode ser percebida como uma monopolização do poder de se fazer valer, conforme apontado:

As lutas a respeito da identidade étnica ou regional, quer dizer, a respeito de propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas à origem através do lugar de origem e dos sinais duradouros que lhes são correlativos, como o sotaque, são um caso particular das lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer reconhecer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e desfazer os grupos. Com efeito, o que está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de di-visão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade do grupo.^{xii}

Assim, tem-se uma percepção de como as manifestações da cultura açoriana, foram sendo construídas e reconstruídas ao longo das gerações, seja por meio da necessidade de se fazer valer e ver em meio a outros grupos étnicos, seja por uma questão de continuidade coletiva.

Na tentativa de repercussão, são salientadas pelos meios de comunicação uma série de elementos que são considerados constituintes das manifestações culturais açorianas:

O ciclo do divino, farra do boi, boi de mamão, ternos de Natal, Ano Novo, reis, Santo Amaro e São Sebastião, luto e coberta d'alma, teares e roupas rústicas, procissões dos passos, engenhos, pão-por-Deus, pasquim, ratoeria e danças de roda, gastronomia do peixe e sopa de couves, renda de bilros, olaria, entrudo, lendas e mitos, lanchas baleeiras, introdução do figo, cevada, laranja, cana-de-açúcar, uva, couve, trigo e temperos.^{xiii}

Dessas manifestações culturais elencadas, percebe-se que existe uma disseminação de especificidades, pois, na Lagoa da Conceição nem todas são tidas como características da tradição açoriana.

Seria, no entanto, polêmico questionar ou diferenciar as que são “verdadeiras” ou não e, como as tradições são reconhecidas como inventadas, basta a verificação do que é aceito por dadas comunidades e qual a sua aplicabilidade por elas.

A questão da funcionalidade das tradições implica num reconhecimento dos cenários que compõem a cultura e as identidades. Cria-se assim, um mosaico de elementos que vão diferenciar os descendentes de açorianos e veicular uma nova imagem, com o intuito de delinear questões de pertencimento e de sentimento.

Desses apontamentos sobre como as “tradições açorianas” foram sendo moldadas ao longo dos anos, passa a ser necessário a reflexão sobre o paradoxo que contrapõe imagens criadas com o intuito de essencializar uma cultura e a preocupação com o reconhecimento de identidades pertencentes a um grupo étnico.

Esse processo contraditório faz com que haja de certa forma um posicionamento. Cabe ressaltar que o propósito desse trabalho é observar o movimento pelo qual a tradição feminina de tecer renda de bilros foi ao longo de diversas gerações sendo (re)criada e (re)dimensionada pelas mulheres rendeiras da Lagoa em recantos diferentes.

Dessa configuração, percebe-se que as intenções em manter ou extinguir uma obrigatoriedade geracional posicionou-se também ao longo dos anos de maneira irregular, sinuosa, entremeada por interesses individuais e coletivos e que fazem parte de um universo maior de elementos também difundidos pela “cultura açoriana”, que nos vários momentos históricos foram sendo reelaborados pela própria dinâmica cultural, não sendo indiferente das posições políticas e administrativas do local. Entretanto, o movimento desse processo que é uma tradição cultural feminina se interliga a uma ordem de acontecimentos que de certa forma regiam as continuidades e descontinuidades das ações.

Antes de partir para a busca de um melhor entendimento desse movimento, faz-se necessário entender um pouco mais sobre a formação das tradições que inscreveram o legado cultural vindo dos Açores:

...pode-se observar que os componentes culturais, que dão uma identidade coletiva aos nativos, firmam-se em circunstâncias vividas e que podem ser interpretados dentro do que se conhece na literatura pela noção de territorialidade. Os discursos destes demonstram como a Lagoa da Conceição tornou-se um território em torno do qual se formou uma

coletividade portadora de um discurso, que por sua vez se consagra, emergindo numa diversidade de aspectos sobre um mesmo espaço, denunciando diferentes apropriações, sejam elas pessoais, históricas, religiosas, ambientais, produtivas ou políticas.^{xiv}

Dos discursos tidos como coletivos nota-se uma incorporação de valores religiosos, festividades e folguedos típicos como é o caso da “Farra do Boi”, as próprias festas religiosas e também a pesca e a confecção da renda de bilros, que os moradores coletivamente consideram os elementos mais presentes de sua cultura no local.

O termo cultura utilizado, refere-se ao que Thompson visualiza como:

Uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é um arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominantemente assume a forma de um “sistema”. E na verdade o próprio termo “cultura” com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro de um conjunto.^{xv}

Sob a perspectiva de cultura apresentada, pensar nos conflitos e nas harmonias que os elementos da cultura açoriana assumiram ao longo da formação das comunidades que habitam a Lagoa, requer não pensar em um “consenso” como coletivo dos habitantes. Deve-se pensar a cultura açoriana dentro de parâmetros, ora conflitivos, ora harmoniosos e ora equilibrados entre as relações sociais estabelecidas nos diversos recantos geograficamente posicionados e, nos quais fixaram-se alguns traços mais ou menos intensos, dependendo da própria caracterização das localidades de onde vieram os seus antepassados, das trocas diaspóricas^{xvi} e também das trocas culturais e sociais estabelecidas ao longo das gerações, que também passaram por processos dinâmicos de trocas.

A Lagoa configuram-se segundo as experiências sociais dos grupos instalados de forma com que sejam salientados alguns traços. Observou-se especialmente no Canto da Lagoa, vestígios de uma maior credibilidade em mitos e crenças. Segundo estudo elaborado por Sônia Maluf, numa abordagem antropológica, foram observados traços de forças sobrenaturais sob a

forma de bruxas e bruxarias que na verdade recriam um espaço de sublimação do poder feminino, que de certa forma passou a exercer certas influências no imaginário da comunidade.

Na Costa da Lagoa, verifica-se a presença de uma gastronomia tipicamente voltada para peixes e frutos do mar; as próprias técnicas de pesca, a religiosidade e poucos vestígios de renda de bilros. Na verdade, a única rendeira que habita a localidade foi a depoente desse espaço.

Na Barra da Lagoa, as festas e demais tradições são intensificadas em princípio pela apropriação turística, mesmo sendo o Centro da Lagoa o mais movimentado e reconhecido como emergente espaço turístico, têm-se na Barra a impressão de uma localidade onde as tradições não foram mantidas de forma consensual, principalmente pelo alto índice de inserção de novos habitantes vindos de outras localidades. Dessa reflexão, têm-se:

Imprime-se a este local, ao mesmo tempo bairro e cidade, uma série de virtudes e de qualidades inscritas especialmente em seus recursos naturais e culturais. O que se tem então é um bairro, chamado Lagoa da Conceição que, não enquanto bairro administrativo, mas enquanto ecossistema lagunar, pode ser descrito em termos de seus componentes físicos, bióticos, paisagísticos, políticos e culturais. Entretanto em torno deste quadro surgiu uma vida comunitária, construções sociais e culturais bastante diversas ao longo dos tempos.^{xvii}

Das diversidades encontradas nos recantos da Lagoa percebe-se que a comunidade se fixou de formas distintas e com elos distintos de ligação interpessoal ou social e que, ao longo do tempo foram imprimindo singularidades e pluralidades no reconhecimento de alguns elementos da cultura que, para alguns é imprescindível e para outros não necessariamente. A configuração de um perfil de cultura estática passa a ser dessa forma contrária ao que se apresenta. Pois, a cultura passa por uma movimentação constante e repleta de conflitos e divergências, mas também de permanências, incorporações e adaptações. A coletividade não pode ser uma resposta para a salvaguarda de traços e sim de especificidades que, em conjunto formam as várias identidades do local.

ⁱ Elis Regina Barbosa Angelo – Mestranda em História pela PUCSP; Mestre em turismo pelo UNIBERO; Professora e Diretora da Faculdade de Turismo da UNISA.

ⁱⁱ “A expressão “cultura açoriana” indica hoje um modo de designação, corrente na opinião pública de Santa Catarina, para tudo o que se refere à identidade, às tradições, memória oral e escrita, herança cultural, ao estilo de ser, as festas e manifestações folclóricas das populações descendentes de açorianos que habitam as regiões litorâneas do Estado.” LACERDA, Eugênio Pascele. **O Atlântico Açoriano: Uma Antropologia dos Contextos globais e Locais da Açorianidade**. Florianópolis, SC: 2003. Tese de Doutorado em Antropologia Social. UFSC. p. 84.

ⁱⁱⁱ As imagens criadas foram descritas na Tese de LACERDA, que direcionou a abordagem para o reconhecimento das identidades criadas ao longo dos anos sobre o que é ser “açoriano”. Ver LACERDA, Eugênio Pascele. **O Atlântico Açoriano: Uma Antropologia dos Contextos globais e Locais da Açorianidade**. Florianópolis, SC: 2003. Tese de Doutorado em Antropologia Social. UFSC.

^{iv} LACERDA, Eugene Pascele. **O Atlântico Açoriano: uma antropologia dos contextos globais e locais da açorianidade**. Florianópolis: UFSC, 2003. Tese de Doutorado em Antropologia Social. p. 84.

^v Id. Ibid. p.84.

^{vi} Id. Ibid. p.85.

^{vii} PEREIRA, Nereu do Vale. **Contributo Açoriano para o Mosaico Cultural Catarinense**. Florianópolis: Papa-Livro, 2003. p.41.

^{viii} Na tese de Doutorado de Eugenio Pascele Lacerda tem um depoimento de um professor e açorianista, que relata a questão de envergonhamento do descendente de açoriano pelos seus traços, o que também foi um dos motivos da criação do processo de afirmação da identidade açoriana. Dentre algumas posições sobre essa questão foram criados o NEA- Núcleo de Estudos Açorianos, o Troféu “Manezinho da Ilha” entre outras entidades, organizações e instituições que possuem um cunho culturalístico.

^{ix} Dessas tradições percebe-se o que HOBBSAWN & HANGER chamam de tradição inventada, ou seja, a criação de práticas que visam inculcar valores e normas através de repetições, que de natureza ritual ou simbólica formam um elo entre o passado e o presente. Ao mesmo tempo, cabe rever o processo tradicional de alguns elementos considerados identitários ao longo dessa trajetória, da mesma forma com que foi feito ao perceber os movimentos pelos quais a preocupação coma cultura açoriana se deu ao longo dos anos. In: HOBBSAWN, E. RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p.09.

^x Id. Ibid. LACERDA, p. 87.

^{xi} Id. Ibid. p. 91.

^{xii} BORDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p.113.

^{xiii} Id. Ibid. p.101.

^{xiv} KUHNEN, Ariane. **Lagoa da Conceição: meio ambiente e modo de vida em transformação**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002. p.110.

^{xv} THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum: Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.p.17.

^{xvi} Diáspora pode ser descrita como o terceiro espaço, fronteira cultural entre o país de origem e o país de residência. Ver BHABHA, Homi. **The location of culture**. New York: Routledge, 1994.

^{xvii} Id. Ibid. KUHNEN , p.111.